

# ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA, MÍDIA E SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL: O CASO DO *AURORA DA RUA*

*Gersiney Pablo Santos*

## CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS, MEDIA AND HOMELESSNESS IN BRAZIL: THE “*AURORA DA RUA*” ISSUE

**Abstract:** The purpose of this investigation is the critical discussion over the representation and identity / identification construction of homeless social actors in the Brazilian street paper *Aurora da Rua*. Therefore, the main objective of this study focuses on the modes of representation and identification of the homeless population in a cover story of the publication. The theoretical basis of the investigation draws upon the analytical framework of Critical Discourse Analysis (CDA). As the result of the analysis, it was possible to map discursive strategies which pointed to a certain protagonism related to the homeless people who appears in the texts, although the street paper idealizes the homeless social actors (including through the reader's voices).

**Keywords:** Critical Discourse Analysis; extreme poverty; homelessness; media; street papers.

**Resumo:** O objetivo desta investigação se concentra na discussão crítica sobre a representação e a construção de identidade / identificação dos atores sociais em situação representados no *street paper* brasileiro *Aurora da Rua*. A análise aqui proposta buscou escrutinar, em específico, os modos de representação e identificação da população em situação de rua em uma reportagem de capa da publicação. A base teórica deste trabalho insere-se no quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (ADC). Como resultado da análise crítica, foi possível mapear estratégias discursivas que apontavam para um certo protagonismo relacionado às pessoas em situação de rua que aparecem nos textos, ainda que o periódico idealize os atores sociais em situação de rua (através de vozes do leitor inclusive).

**Palavras-chave:** Análise de Discurso Crítica; pobreza extrema; situação de rua; mídia; *street papers*.

## 1. Introdução

A despeito dos avanços e da maior atenção a questões sociais no Brasil promovidos nos últimos anos, problemas diretamente ligados à cidadania mantêm-se recorrentes. A situação de rua, como problemática social, é uma realidade desconcertante para o cenário brasileiro e não deve receber tratamento coadjuvante nas ações voltadas aos direitos humanos.

De acordo com a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (publicada no Brasil, em abril de 2008), mais de trinta mil brasileiros/as não usufruem o direito à moradia, deslocados/as de quesitos sociais essenciais, como alimentação de qualidade e saúde, por exemplo. Este trabalho observa que os dados apontam um

demonstrativo da grave questão, e, portanto, observa a necessidade de problematizar aspectos mais profundos da situação/ da rua, no intento de ir além do que as estatísticas se limitam a mostrar. Para tanto, apoiado na abordagem teórico-metodológica da ADC e suas categorias analíticas, observo na representação discursiva de pessoas em situação de rua apresentada nos textos do periódico *Aurora da Rua – street paper* produzido pelo grupo de voluntários da ‘Comunidade da Santíssima Trindade’, de Salvador – uma possibilidade de investigar a situação de rua a partir da visão particular de quem a vive.

As representações feitas são interessantes ao objetivo da investigação por estarem realizadas em veículos de comunicação conformes com a proposta dos *street papers* (e seu entendimento global de inserção da sociedade em questões abordadas de forma negligente pelos veículos de massa hegemônicos), que, assim como a ADC, visam à emancipação e mudança sociais.

O presente artigo<sup>1</sup> versará sobre o tema da situação de rua e sua representação em um periódico de proposta contra-hegemônica. Para tanto, a fim de localizarmos a discussão, iniciaremos com uma sucinta explanação sobre o fenômeno da situação de rua no Brasil; em seguida, apresentaremos o objeto de análise: o *street paper* ‘Aurora da Rua’; dando prosseguimento, focalizaremos na Análise de Discurso Crítica (ADC), abordagem que norteia a análise feita na seção seguinte; a última parte do artigo mostra um exemplo de exercício analítico, baseado na ADC, relativo a uma matéria de capa da publicação *Aurora da Rua*.

## 2. A situação de rua no Brasil: um breve panorama

A situação de rua mostra-se como um processo cuja origem localiza-se na consolidação e na evolução do sistema capitalista de produção. Historicamente, no contexto da Revolução Industrial e com a estabilização da nova era social baseada na industrialização, “o problema da pobreza se concentrava em torno de dois termos estreitamente relacionados: pauperismo e economia política” (Polanyi 2000: 128). Ora por excesso de contingente humano, ora pelo crescimento da utilização de maquinaria para a realização de serviços antes braçais, milhares de pessoas não foram ‘encaixadas’ no modelo de produção (nomeado, no século XIX, como ‘capitalista’ industrial), o qual, segundo Hobsbawm (1979: 81), “abarcou pelo menos 8 séculos, desde o ano 1000 até 1800” de processos “lentos e sinuosos” para se consolidar.

O Brasil não experimentou o processo de industrialização na mesma época em que ele ocorria na Europa – pois no século XVIII, era industrial europeia, o país era território pertencente à Coroa Portuguesa. Dada a particularidade de ser território-colônia de Portugal, o Brasil, a despeito das esporádicas tentativas de insurreição, reproduzia as ideias europeias, trazidas de e por Portugal, no que dizia respeito à então ‘consolidada’ classe social: a pobreza.

Do século XVII ao XVIII, o Brasil era um território marcado por forte desigualdade, tendo em vista a economia extrativista e escravocrata que mesclava populações de migrantes e escravos no corpo trabalhador de territórios com produção de matérias

<sup>1</sup> Este artigo é resultado da dissertação de mestrado “O jornal *Aurora da Rua* e o protagonismo na situação de rua: um estudo discursivo crítico”, de Gersiney Pablo Santos, sob orientação da Profa. Dra. Viviane de Melo Resende. O trabalho foi defendido em 2013 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB).

primas de grande valor comercial – como o ouro e a cana-de-açúcar. É o que podemos ver tomando a representação do contexto socioeconômico da importante província da Bahia à época:

Desigualdades sociais profundas dividiam os baianos entre senhores e escravos, brancos e negros, ricos e pobres. A escravidão, até a década de 1830, atingia mais de trinta por cento da população. Sobre os escravos recaía o peso da produção da maior parte da riqueza consumida e exportada pela província da Bahia. A grande maioria dos pobres ou já havia vivido a experiência da escravidão ou descendia de gente com raízes na África. Embora alguns poucos libertos conseguissem a duras penas se tornar proprietários, o contingente de pobres da cidade estava sempre sendo abastecido por um grande número de ex-escravos. A maior parte destes era obrigada a sobreviver de serviços esporádicos, do pequeno comércio ambulante e da mendicância. (Fraga Filho 1994: 14–15)

Como visto, a escravidão contribuiu bastante para a segregação e a negligência sociais, sendo a maioria dos/as alijados/as do sistema econômico composta por ex-escravos/as e seus/suas descendentes. Sem ter como se sustentar de forma satisfatória, os/as ex-escravos/as, os/as trabalhadores/as migrantes de zonas menos produtivas, os/as estrangeiros/as sem qualificação ou fugidos/as e os/as mestiços/as redeseenhavam em terras brasileiras – ainda que não dentro de um contexto industrial – a realidade europeia: ocupando espaços públicos, oferecendo seus serviços ou simplesmente pedindo esmolas.

A pobreza no Brasil seguiu a lógica desenvolvida no sistema capitalista de acumulação e lucro: a escravidão foi uma dessas estratégias, na medida em que o entendimento de trabalho no vetusto ideário colonizador – antes de consolidar o discurso de ojeriza ao pobre e outrificação do miserável – “criou duas categorias de pessoas: os cidadãos e os escravos” (Jesus 2005: 7). A sua reorganização no que, para muitos/as, simbolizou um eventual desfecho, foi responsável por boa parte do cenário de pobreza e miséria do Brasil como o vemos atualmente.

### **3. O jornal *Aurora da Rua***

Desde os séculos iniciais da mídia impressa no país, os grupos sociais descendentes de escravos/as ou aqueles não ligados às elites tinham na imprensa hegemônica mais um modo de exclusão: a representação como perigosos ao convívio dito ‘civilizado’.

A relação do jornalismo com a pobreza sempre passou pela representação de eventos que exaustivamente exploravam as ações repressoras executadas por órgãos policiais. Baseados nessa prática, desde há muito tempo os jornais nacionais constantemente identificavam os/as pobres como causadores/as da desordem, como genuínos/as vagabundos/as e golpistas. Fraga Filho (1994: 47), ao discutir a tipificação dos/as pobres na Bahia do século XIX, traz uma amostra dessa identificação:<sup>2</sup>

Comentava [...] O Alabama que a maior parte da “malta de mendigos” que andava pelas ruas a abordar as pessoas com pedidos de esmolas era composta de escravos “africanos decrepitos cujos senhores, quando já não podem usufruir de seus serviços os desamparam cruelmente, como se atira um objecto repugnante ao monturo”. (Fraga Filho 1994: 82)

Podemos perceber, assim, que no que concerne à representação da extrema pobreza na mídia tradicional pouca coisa mudou desde os anos iniciais de consolidação da imprensa no Brasil até o nosso atual contexto social – a despeito do maior cuidado na ocultação dos preconceitos, caudatário do discurso dos Direitos Humanos, pode-se

<sup>2</sup> Neste caso, tratando da construção dos/as chamados/as ‘mendigos/as’ naquela sociedade.

dizer que os sentidos permanecem hostis. Atualmente, ainda é uma prática relacionar, em notícias e reportagens, o grupo classificado como ‘moradores de rua’ à violência ou ao ‘incômodo’ causado para classes incluídas no sistema produtivo formal, “o que pode [...] funcionar ideologicamente sobretudo por dissimular relações de dominação” (Ramalho – Resende 2011). A representação baseada na figura ‘morador de rua’, em que pese a contradição latente, condensou boa parte do que se imagina em relação a indivíduos que experienciam a situação de rua. Como ressalta Resende (2005: 72–73),

A situação de rua tem sido representada com frequência por meio do termo ‘moradores de rua’. Ora, há uma contradição evidente nessa classificação: o que determina o fato de alguém ser um(a) ‘morador(a)’ é possuir um endereço, um local onde mora. Pois isso é justamente o que (ou melhor, uma das coisas que) um(a) ‘morador(a) de rua’ não tem.

A naturalização da condição de vulnerabilidade social por meio de termos como ‘morador de rua’ implica um velamento do abuso social sofrido histórica e sistematicamente pela população em situação de rua no Brasil. Esses desrespeitos e humilhações ocorrem de diferentes maneiras: desde, por exemplo, as repetitivas imagens midiáticas de corpos deitados em espaços públicos (ladeados por papelões, cobertores de lã e cachorros), à construção discursiva de uma ‘figura’ diferente, síntese do mais socialmente indesejável. Assim, a imagem da pessoa em situação de rua foi, e continua sendo, formatada para que ‘os/as cidadãos/ãs’ lhe tenham piedade, medo e/ou asco.

Determinados veículos de comunicação servem à lógica de um mundo no qual, entre outras violações, as relações econômicas sobrepujam a cidadania. Identificações hegemônicas constantemente representam aqueles/as que não apresentam possíveis retornos financeiros (frente aos anúncios de publicidades de imperativo ‘tenha!’) de modo desconsiderado, invisibilizado e marginalizado, ou seja, um grupo social “anônimo e silenciado [...], produto de um rompimento [...]”. Seu discurso não circula como o dos outros; a sua palavra está degradada e sem valor” (Montecino 2010: 245).

A estratégia da tipificação é operada por meio de estereótipos, que ‘facilitam’ na construção de alteridades bem marcadas e no esvaziamento discursivo nos embates sociais pela tomada do poder. Conforme aponta Silva (in Hall et al. 2000: 81), “na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade”; sendo assim, como homens e mulheres destituídos/as de ‘poder simbólico’ serão retratados/as de forma cuidadosa pela mídia que serve aos propósitos de um capitalismo desumano? A resposta pode ser observada nas representações recorrentes de pessoas em situação de rua: a de seres, de uma forma ou de outra, indesejáveis, dessemelhantes, incômodos e ameaçadores. Dada a sua abrangência e alcance, a mídia hegemônica, apesar de não ser onipotente, “representa uma fonte de normatividade, legitimação e sustentação da hegemonia” (Ramalho 2005: 61).

É no sentido oposto que reside o conceito do jornal *Aurora da Rua*. O periódico foi constituído no contexto de reflexão acerca do problema social relativo à situação de pessoas que, de trajetória errática, são observadas desde si próprias como sem rumo ou nenhuma solução. A discussão sobre o direcionamento para questões de cidadania toma corpo diante do entendimento do funcionamento do jornal *Aurora da Rua*. O jornal coloca-se no embate entre discursos relativos à representação de pessoas em situação de rua, conforme com a possibilidade de transformação. Sua atuação o posiciona como veículo identitário de resistência (Castells 2008) frente ao que é simbolizado pela lógica

da dominação. Assim, a proposta do jornal – alinhada ao conceito de *street paper*<sup>3</sup> – é “tornar visível e audível a face e a voz daqueles que muitas vezes são pouco vistos e pouco ouvidos na sociedade. Trata-se do ‘Aurora da Rua’, um jornal que traz, pela primeira vez para o Nordeste, o conceito de ‘jornal de rua’” (Aurora da Rua 2014).

O jornal é produzido por pessoas em situação (ou com trajetória) de rua e por jornalistas, que, em trabalho conjunto, assinam os textos veiculados no jornal. De acordo com a equipe entrevistada, algumas seções são assinadas especificamente por pessoas em situação de rua após a sua participação nas oficinas de texto orientadas por jornalistas engajadas no projeto.

Quanto ao formato da publicação, o jornal tem diagramação atraente e premiada. Colorido e com textos e fotos bastante chamativos, a publicação mostra uma preocupação com a qualidade de sua apresentação gráfica. Produzida em folha A3, a publicação é formatada de acordo com um leiaute jornalístico padrão. Ela se organiza em dez seções que tratam da situação de rua: “Editorial” (texto que traz um resumo sobre a edição e comentários dos/as jornalistas); “Cartas da rua” (transcrições literais de comentários de pessoas em situação de rua quando em contato com o jornal); “Matéria de capa” (texto coletivo central do periódico – escrito por pessoas em situação de rua e jornalistas); “Código de conduta” (texto que descreve e caracteriza o/a vendedor/a da publicação); “Diversos de rua” (seção que aborda uma diversidade de temas específicos das ruas); “Aurora notícias” (notícias sobre as ruas de Salvador, bem como de outros lugares no mundo); “Deus na rua” (histórias fictícias com Deus como personagem principal, vivenciando experiências de rua); “Brilho da Aurora” (testemunhos de superação de pessoas em situação de rua); “Arte Rua” (seção que promove intervenções artísticas nas ruas por pessoas em situação de rua); “Tirinhas da Rua” (tirinhas com a personagem Aurora sobre a realidade das ruas).

#### 4. Análise de Discurso Crítica no contexto da situação de rua

No entendimento de como a linguagem se realiza de modo social, teorias e abordagens vêm se unindo e gerando conhecimento ampliado acerca da relação linguagem e sociedade. É dentro do paradigma funcional relativo à linguagem que está localizada a Análise de Discurso Crítica (ADC), um conjunto de abordagens teórico-metodológicas que intenta dar conta da investigação interdisciplinar da linguagem em seu aspecto discursivo. Como explicam Resende e Ramalho (2009: 13),

para analistas de discurso, somente o conceito funcionalista de discurso é aplicável, uma vez que o foco de interesse não é apenas a interioridade dos sistemas linguísticos [...]. O conhecimento acerca da gramática – uma gramática funcionalista – é indispensável para que se compreenda como estruturas linguísticas são usadas como modo de ação sobre o mundo e sobre as pessoas.

<sup>3</sup> De acordo com a INSP (*International Network of Street Papers*), os *street papers* são publicações independentes que oferecem oportunidades de geração de renda e de “autorrepresentação” àqueles/as que estão em situação de extrema pobreza. O site oficial do INSP conceitua os *street papers* como “jornais e revistas independentes que proporcionam oportunidades de empregabilidade a pessoas em experiência de pobreza e de falta de moradia” (INSP 2012). Esse tipo de mídia compreende suportes variados, que abrange impressos como revistas e jornais. A temática pode ser exclusivamente relacionada à situação de vulnerabilidade social experienciada por milhões de homens e mulheres em diversas partes do globo, como no caso dos jornais, ou pode ser mais abrangente, como no caso das revistas que seguem o modelo das revistas informativas de cunho mais geral, mas que são bem sucedidos projetos alternativos para geração de renda.

A ADC pode ser compreendida como uma abordagem teórico-metodológica transdisciplinar que intenta propor reflexões sobre problemas sociais por meio de suas facetas discursivas. A ADC tem, em seus estudos, o objetivo de “explicitar o encoberto no discurso que, por alguma razão, não é imediatamente percebido. A ADC deseja dar visibilidade àquilo que antes era invisível e considerado natural” (Silva – Vieira 2002: 153). Em ADC, o mundo social é compreendido como constituído de uma rede de práticas sociais, nas quais há a constante tensão entre visões de mundo particulares, em embates discursivos na busca pelo consenso. Assim, nessa abordagem, os conceitos de ideologia e hegemonia ganham destaque.

O entendimento de ideologia, caro à abordagem, está relacionado à realização discursiva de aspectos hegemônicos nos embates pelo poder no mundo social – sendo ela um dos modos pelos quais a hegemonia se sustenta. Thompson (2002: 85) esclarece que “estudar a ideologia é estudar as maneiras nas quais o significado serve para estabelecer e sustentar as relações de dominação”. Já o conceito de hegemonia – fundamental para as análises discursivas em ADC – é apropriado da concepção desenvolvida por Gramsci:

Hegemonia é a liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade; [...] o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’; [...] é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento (Fairclough 2001: 122-123).

Para Fairclough (2001), a hegemonia não é localizada, ou seja, facilmente identificável, pois está inserida em um sistema de coligações institucionais da sociedade civil (como a família, a educação e a mídia, por exemplo). A hegemonia coloca-se no foco da tensão entre setores e blocos sociais interessados em construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que se manifestam em aspectos sociais, econômicos, políticos etc. Por isso, toda hegemonia é instável e foco de luta hegemônica. As ações de grupos sociais hegemônicos que visam à dominação por meio do discurso são consideradas ideológicas.

Ao analisar o conceito de “discurso” em ADC, podemos vê-lo em dois âmbitos inter-relacionados: um mais amplo (ou mais abstrato), que se refere ao momento discursivo ou semiótico da prática social; e um mais restrito (ou menos abstrato), que diz respeito aos modos particulares de representação do mundo social. Chouliaraki e Fairclough (1999: 38) explicam o conceito mais abstrato de discurso como “momento das práticas sociais em sua articulação com outros momentos não-discursivos, em perspectivas particulares encontradas em várias formas semióticas”. As duas compreensões de discurso estão intimamente atreladas às práticas sociais – localizadas em tempos e espaços particulares.

Pesquisas em ADC questionam “problemas sociais discursivamente manifestos” (Resende, 2009: 11) e desenvolvem, por meio da análise rigorosa de textos (como resultados discursivos de eventos concretos), “o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas” (Resende – Ramalho 2009: 7). A ADC, assim, alia a Linguística às Ciências Sociais com o intuito de (re)pensar estratégias de mudança em realidades de prejuízos sociais.

Ao realizar suas funções de ação, representação e identificação, textos também funcionam fundamentalmente como ferramentas para a comunicação social, visto que concretizam a linguagem. Podemos observar que, em ADC, a preocupação voltada ao escrutínio



dos textos é fundamental para revelar meandros que operam disparidades sociais e que são passíveis de análise na relação entre linguagem e sociedade. Ainda segundo Resende e Ramalho (2009: 26),

entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença.

É nesse sentido, conforme explicam as autoras, que se localiza a dialética entre discurso e sociedade, uma vez que “o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social” (*ibidem*). A ADC, assim sendo, contribui para o constante (re)pensar baseado na linguagem, na medida em que oferece ferramentas para a problematização de pontos críticos da vida social, de algum modo tomados como naturais. A ADC demonstra como as teorias sociais podem construir relações com os fenômenos linguísticos, entendendo que

longe de ser um simples *tertium quid* entre a mente humana de um lado e o mundo externo do outro, a linguagem se constitui em importante palco de intervenção política, onde se manifestam as injustiças sociais pelas quais passa a comunidade em diferentes momentos da sua história e onde são travadas constantes lutas (Rajagopalan 2003: 125).

A análise de práticas sociais que perpassam, por exemplo, a construção de um periódico de proposta protagonista, como o *Aurora da Rua*, pode servir como modo de contestação e de possível transformação de problemas estruturais que se deseja superar. Assim, representações e identificações ligadas a discursos ideológicos (como o do fatalismo ligado à situação de rua, por exemplo) não são impassíveis de superação.

## 5. Análise discursiva crítica da reportagem “Semeadores de Auroras”

Nesta seção, propomos um exercício analítico, no qual poderemos visualizar o trânsito discursivo operado em um texto do *Aurora da Rua*. Serão analisados trechos da matéria de capa da edição 26 (de junho/julho de 2011) do *street paper*, intitulada “Semeadores de auroras”.

A reportagem trata da influência da publicação na vida das pessoas que leem os textos assinados de forma conjunta entre pessoas em situação (ou com trajetória) de rua e jornalistas (geralmente) voluntários (entre outros colaboradores/as).

### REPORTAGEM DE CAPA “SEMEADORES DE AURORAS” [EDIÇÃO 26]

A análise a seguir trata da reportagem de capa da edição de número 26 (de junho/julho de 2011) do periódico. Intitulado “Semeadores de Auroras”, o texto traz uma aproximação entre pessoas em situação de rua e gente envolvida (leitores/as e colaboradores/as, por exemplo) com a proposta do jornal. A reportagem principal traz, assim, relatos acerca do modo como o público que consome os textos de *Aurora da Rua* é influenciado por descrições sobre a realidade da rua desde uma ótica contraposta à da mídia hegemônica. A matéria de capa detém-se em descrições que caracterizam atores sociais em situação de rua do ponto de vista cristalizado na sociedade. É o que vemos no excerto (1):

1. No vai-e-vem das cidades todo mundo se depara com a figura de um morador de rua. A maioria das pessoas enxerga o povo da rua com medo. Algumas os tratam com hostilidade ou, pelo contrário, piedade. Outras chegam a agredi-los ou queimá-los, como em alguns casos que são noticiados pela imprensa.

O excerto é o primeiro parágrafo da reportagem. Nele, podemos observar a representação-síntese da pessoa em situação de rua como a vemos constantemente por meio da imprensa hegemônica, e a generalização é operada em “a figura de um morador de rua”. O termo ‘morador de rua’ coocorre com os itens lexicais “medo”, “hostilidade” e “piedade”, assim como com processos “agredi-los” e “queimá-los”, dos quais participam apassivados por sujeição. Há, nesse início do texto, a inferência do ator social em situação de rua como ‘enxergado’, ‘tratado’, ‘agredido’, ‘queimado’; vemos, desse modo, casos de apassivação, uma vez que atores sociais – em situação de rua – são “representados como ‘sofrendo’ a ação” ou sendo o alvo dela (van Leeuwen 2008: 33). Notemos também a presença de processos mental (‘enxergar’), comportamental (‘tratar’) e materiais (‘agredir’ e ‘queimar’), caracterizando essa apassivação, de modo que pessoas em situação de rua participam desses processos como objeto da apreciação, do tratamento dispensado e da ação violenta imposta. Nessa representação, portanto, reconstrói-se a clivagem entre “a maioria das pessoas”, que opera ação no mundo, e “o povo da rua”, que sofre essas ações e não faz parte do grupo representado como “a maioria das pessoas”.

Em todo o excerto, é perceptível o sentido de movimento (“no vai-e-vem”), que contrasta com a representação estática do grupo em situação de rua, representado como “um ente sobre o qual recai uma ação” (Pardo Abril 2007: 144). O uso de “povo da rua” traz uma carga semântica forte ao ativar a pressuposição de que há existência de mais de uma espécie de cultura: o termo promove uma diferenciação sustentada no pressuposto de grupos sociais diferentes. Fairclough (2001) explica que a atenção às lexicalizações deve fazer parte da análise, dado o sentido político que elas podem assumir: lexicalizações alternativas devem ser observadas na sua significação política. Desse modo, é relevante a análise dos significados de palavra, visto que “entram em disputa dentro de lutas mais amplas” (Fairclough 2001: 105).

Os atores sociais em situação de rua, no excerto, são incluídos, personalizados, sendo representados por categorização, explicada por van Leeuwen (2008: 40) como um processo no qual atores sociais são representados em termos de identidade única pela função (neste caso, condição) que compartilham entre si como um grupo. Não se esclarece o ator social causador dos processos realizados, já que a representação é feita por expressão e pronomes indefinidos (com, por exemplo, ‘algumas’ e ‘outras’). Ainda o termo ‘morador de rua’ (classificação) e a expressão ‘a maioria das pessoas’ (agregação) estabelecem uma coletivização, que, além de indeterminar, posiciona os atores sociais explicitamente em grupos sociais distintos. Na divisão, as ações são mencionadas sem questionamentos, apenas como dados a serem expostos.

A clivagem entre pessoas em situação de rua e outrem opera uma contraposição, sendo este segundo grupo subdividido por gradação de sua atitude (piedade, medo, hostilidade, agressão) em relação à população em situação de rua. Há o uso da estratégia discursiva da indeterminação, um modo de representação de experiências (Pardo Abril 2007; Resende 2008; van Leeuwen 2008). A indeterminação acaba atribuindo ao ator social (agente nos processos) não identificado uma espécie de autoridade impessoal, diante da qual o ator social em situação de rua não esboça reação.

Avançando na discussão, uma nova diferenciação é feita, dessa vez entre a imprensa hegemônica e a imprensa de rua:

2. Enquanto a mídia convencional traz em suas páginas o morador de rua de maneira marginalizada, os jornais de rua são publicações que vão na contramão do estabelecido.



Eles se propõem a discutir e mostrar as demandas da população de rua. Além disso, proporcionam ao leitor ser partícipe de um processo de transformação social.

Em (2), é feita uma separação entre tipos de imprensa: “a mídia convencional” e a mídia cidadã (Rozendo 2011). Podemos observar, no trecho, a construção da identidade do jornal *Aurora da Rua* como veículo que se insere na luta para uma representação diferente daquela imposta pela mídia hegemônica e seu reforço como o jornal para uma “transformação social”. Para tanto, o jornal traz outros atores sociais ao espaço de discussão: os/as leitores/as. O periódico representa-se, então, como uma oportunidade de acesso a esse ‘outro mundo’; assim, ao ser uma espécie de intermediador, ele traz, na reportagem de capa da edição, uma amostra de sua eficácia na mudança de concepção acerca da população em situação de rua. A matéria tem como norte a visão dos/as leitores/as a respeito da publicação, e articula espaços intertextuais que abrem espaço para a circulação de diversas vozes de pessoas que, de alguma forma, estão em contato com a produção do periódico. Vejamos o que apresenta o próximo excerto:

3. Ao ler o jornal os leitores descobrem um universo heterogêneo, mesclado por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição da falta absoluta de quase tudo e a desconexão com a sociedade formal. Luciana Rios é estudante de jornalismo e leitora do jornal desde 2007. “Sempre que abrimos um jornal e lemos algum relato sobre morador de rua, é no sentido ruim. As pessoas são sempre retratadas da pior forma. No entanto, se pararmos para analisar a figura do morador de rua, despojados de qualquer preconceito, podemos notar que até nos pertences que carregam há uma demarcação de personalidade”.

O excerto (3) traz o primeiro exemplo de voz de leitora. Desse ponto em diante, a matéria entremeia relatos de leitores/as com a voz do *Aurora da Rua*, introduzindo os atores sociais e esboçando comentários, algumas vezes. No trecho destacado, podemos observar certos aspectos que, como vem acontecendo, traçam a divisão de mundos (ou, no caso, um “universo heterogêneo”): o da “sociedade formal” (relexicalização para “sociedade”, como vimos no segundo excerto analisado) e o daqueles que estão em situação de rua – bipartição já sinalizada pelo próprio jornal, conforme mencionado anteriormente.

No primeiro destaque (“os leitores descobrem um universo...”), vemos a presença de um processo mental atribuído aos/as leitores/as, se entendemos ‘descoberta’ como ‘reconhecimento’. O processo “descobrir” ativa pressuposições características. Observamos no excerto o que Fairclough (2003) afirma sobre a relação entre a intertextualidade e a pressuposição. Ele explica que, assim como acontece na intertextualidade, “as pressuposições conectam um texto a outros textos, ao ‘mundo dos textos’” e que os textos naturalmente criam pressuposições. Assim, podemos pressupor que a) já existe/existia um universo, e ‘desconhecido’, e b) esse universo era visto como homogêneo (antes da descoberta) – sendo que ambas essas pressuposições orientam para o fato de que boa parte da população desconhece a realidade da situação de rua. Desenvolve-se, então, uma relação causal que atribui ao jornal o papel de esclarecedor de um “universo” desconhecido; temos, com isso, a implicação que os/as leitores/as passam a conhecer a situação de rua no momento em que leem o *street paper*.

No segundo destaque de (3) (“da falta absoluta de quase tudo e a desconexão com a sociedade formal”), a expressão “falta absoluta de quase tudo” já exprime linguisticamente o paradoxo da questão ao posicionar, na mesma sentença, duas modalizações com tipos distintos de envolvimento. Fragmentando a sentença, temos uma modalidade

do tipo epistêmica, visto que se trata de uma troca de conhecimento na qual o jornal faz uma afirmação (*peças em situação de rua* “têm em comum a condição da falta absoluta de quase tudo”). O adjetivo ‘absoluta’ como pós-modificador de ‘falta’ aprofunda o caráter da carência, conferindo alto grau de comprometimento com a verdade; em seguida, o ‘quase’ mitiga o ‘tudo’, realizando movimento epistêmico inverso.

Fairclough (2003) demonstra que para a realização dos graus de modalidade há uma série de marcadores de modalização, a qual inclui centralmente determinados grupos adverbiais, adjetivais e processos. A construção estudada no parágrafo anterior pode ser interpretada de acordo com a proposta do jornal de oferecer uma identificação diferenciada no que diz respeito à representação dos atores sociais em situação de rua, pois marcar que a eles falta absolutamente tudo seria, em outra medida, semantizá-los como grupo assaz enfraquecido, o que reforçaria o caráter vitimizante também atribuído comumente a esses atores sociais.

O trecho que trata da desconexão com a economia institucionalizada, relexicalizada como ‘sociedade formal’, reforça a clivagem que já vimos em exemplos anteriores.

Na segunda divisão do excerto (3) (“Sempre que abrimos um jornal...”), temos articulada a voz de uma leitora em discurso direto, que segue até o final do excerto. A moça reforça o que já foi trazido pelo início do texto no que diz respeito à representação das pessoas em situação de rua pela mídia hegemônica. Ela utiliza o recurso metonímico para se referir à mídia hegemônica (‘jornal’), e segue modalizando recorrentemente com o advérbio “sempre”. A jovem, com esse primeiro trecho, mostra um distanciamento e uma aparente discordância em relação à conduta de veículos de comunicação hegemônicos. De acordo com van Leeuwen (2008), temos no período em destaque um exemplo de impessoalização: ela menciona não os seres humanos que passam pelo problema social, mas “a figura do morador de rua”. Podemos analisar também essa escolha representacional como um caso de objetivação, uma vez que a problematização acontece sobre uma espécie de coletivo (estereótipo) e acerca de uma representação cristalizada (e tudo mais que ela acarreta).

No excerto seguinte, outro ator social relata suas impressões em relação ao jornal:

4. Para o professor de Filosofia Daniel Nascimento, morador do estado do Piauí, as notícias e as imagens do jornal o fazem recordar como, com muito pouco, é possível ainda ser feliz e transmitir essa felicidade. “Impressiona-me o modo como as pessoas que vivem em situação de rua, mesmo que contem com histórias de abandono e sofrimento, conseguem aliar simplicidade e alegria. Também como alguns conseguem perdoar, e outros se tornam sábios”, conta.

Em (4), temos as vozes do jornal e de um leitor. A voz de Daniel Nascimento, articulada em discurso indireto e direto, ressalta qualidades do indivíduo em situação de rua, o que aponta a relevância da categoria de avaliação na análise. Como explicam Ramalho e Resende (2011: 119), essa categoria analítica refere-se a “apreciações ou perspectivas do locutor, mais ou menos explícitas, sobre aspectos do mundo, sobre o que considera bom ou ruim, ou o que deseja ou não”. Há, no texto, uma identificação da pessoa em situação de rua que se alia ao discurso religioso cristão, no qual a máxima humildade é valorizada como algo extremamente desejável, que destaca o aspecto abstrato da felicidade em detrimento de ações mais concretas. O ator social reforça a construção de ‘ser elevado’ atribuída à pessoa em situação de rua ao lançar mão do conectivo “mesmo” – que mitiga todo o período anteposto a ele. Tal elemento lexical abranda o fato de pessoas em situação

de rua relatarem histórias de “abandono e sofrimento”, remetendo para o período que trata do fato de eles aliarem “simplicidade e alegria”, e (em, aparentemente, mais uma referência implícita ao discurso religioso) a como eles conseguem “perdoar”, atitude que os caracteriza como “sábios”.

Termos empregados na identificação (como ‘felicidade’, ‘sofrimento’, ‘simplicidade’, ‘perdão’ e ‘sábio’) modelam semanticamente o ator social em situação de rua como uma espécie ‘mártir’ – visto que tais conceitos reconstróem o discurso religioso da elevação pelo sofrimento – é o sofrimento, a capacidade de “ser feliz”, mesmo “com muito pouco”, e o perdão que “tornam sábios”.

O texto sugere também que o jornal tem a possibilidade de unir realidades aparentemente díspares (e representadas como tal em edições anteriores) com a proposta de representação conciliatória.

## 6. Considerações finais

Por meio da análise realizada, pudemos investigar e visualizar a representação e a identificação dos atores sociais em situação de rua em um texto de reportagem de capa do *Aurora da Rua*. Após a aplicação das categorias analíticas, pudemos observar que a reportagem efetivamente traz a problemática da situação de rua, porém com a circunstância de atrelá-la ao tema do encontro de realidades – que, em alguns trechos, rivalizava com a situação de iniquidade no que dizia respeito ao destaque representacional.

Essa constante acabava por apresentar, no cenário temático, um indivíduo nobre, bravo e criativo na defesa de um espaço onde era atacado pela sua condição com esboços de problematização da situação de rua – e da sua própria sobrevivência nesse mundo outro, fora da realidade de privação. Outro aspecto observado no texto foi o cuidado no tratamento daqueles/as que participavam: nos excertos, percebi uma efetiva abertura para as vozes das pessoas em situação de rua.

Desse modo, por meio dos excertos selecionados para a análise, observamos que as pessoas em situação de rua têm um espaço de destaque no jornal, pois, nas representações, as suas vozes são ouvidas e consideradas; entretanto, as identificações acontecem de modo a colocá-las como pessoas pertencentes ao espaço da rua e que, por conta disso, têm de desenvolver estratégias para superar os problemas externos e internos que passam a sua peculiar condição.

### Bibliografia

- AURORA DA RUA – JORNAL, disponível em <<http://www.auroradarua.org.br/jornal.php>>. Acessado em 14 de março de 2014.
- CASTELLS, Manuel (2008), *O poder da identidade*, São Paulo: Paz e Terra.
- CHOULIARAKI, Lilie – FAIRCLOUGH, Norman (1999), *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*, Edinbourg: Edinbourg University.
- FAIRCLOUGH, Norman (2003), *Analysing discourse – textual analysis for social research*, London: Routledge.
- FAIRCLOUGH, Norman (2001), *Discurso e mudança social*, trad. (Org.) Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- FRAGA FILHO, Walter Fraga (1994), *Mendigos e vadios na Bahia do século XIX*. Dissertação de mestrado (História). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

- HOBBSAWM, Eric John Ernest (1979), *As Origens da Revolução Industrial*, São Paulo: Global Editora.
- JESUS, Jacques Gomes de (2005), *Trabalho escravo no Brasil contemporâneo: representações sociais dos libertadores*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia.
- MONTECINO, Lésmer (org.) (2010), *Discurso, pobreza y exclusión en América Latina*, Santiago: Editorial Cuarto Próprio.
- PARDO ABRIL, Neyla (2007), *Cómo hacer análisis crítico del discurso: una perspectiva latinoamericana*, Santiago de Chile: Fraix.
- POLANYI, Karl (1980), *A grande transformação: As origens da nossa época*, Rio de Janeiro: Campus.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil (2003), *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*, São Paulo: Parábola.
- RAMALHO, Viviane (2005), *O discurso da imprensa brasileira sobre a invasão anglo-saxônica ao Iraque*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em linguística.
- RAMALHO, Viviane – RESENDE, Viviane de Melo (2011), *Análise de discurso (para a crítica: O texto como material de pesquisa*, Campinas: Pontes Editores.
- RESENDE, Viviane de Melo (2009), *Análise de discurso crítica e realismo crítico: Implicações interdisciplinares*, Brasília: Pontes Editores.
- RESENDE, Viviane de Melo (2005), *Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas*. Dissertação de mestrado (Linguística). Universidade de Brasília.
- RESENDE, Viviane de Melo – RAMALHO, Viviane (2009), *Análise de discurso crítica*, São Paulo: Contexto.
- ROZENDO, Suzana (2011), *Street Papers, que tipo de jornalismo é esse?* Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Londrina.
- SILVA, Denize Elena Garcia da – VIEIRA, Josênia Antunes (orgs.) (2002), *Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos*, Brasília: Editora Plano.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (2000), “A produção social da identidade e da diferença”, in: HALL, Stuart – WOODWARD, Kathryn – SILVA, Tomaz Tadeu da, *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis, RJ: Vozes, 73–102.
- THOMPSON, John B. (2002), *Ideología y cultura moderna. Teoría social crítica en la era de la comunicación de masas*, México, DF: Universidad Autónoma Metropolitana.
- VAN LEEUWEN, Theo (2008), *Discourse and practice: New tools for critical discourse analysis*, Oxford: Oxford University Press.

Gersiney Pablo Santos  
Núcleo de Estudos em Linguagem  
e Sociedade – NELiS  
Centro de Estudos Avançados  
Multidisciplinares – CEAM  
Universidade de Brasília – UnB  
Campus Darcy Ribeiro  
Pavilhão Multiuso 1 - Bloco A - 1º Andar  
CEP: 70910-900  
Brasília – DF  
Brasil  
gepasan@gmail.com